



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13087 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Corpo e Educação: reflexões epistemológicas

Marcela Botelho Brasil - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Lívia Alessandra Fialho Costa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

CORPO E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS

Resumo: É possível encontrar "corpo" na educação? Embora o corpo esteja no centro de muitas discussões no trabalho empírico que sustenta teses e dissertações de Pós-Graduações em Educação no Brasil, pouco ou quase nada se identifica nestes escritos que venha reconhecer o corpo como *objeto* que merece ser discutido. Por que o corpo é invisibilizado ou ocultado? Esta pesquisa busca o revelar destes corpos através de uma proposta artística de audiovisualização de processos educativos. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com pretensão de se amparar numa pesquisa-criação, onde lança-se o olhar para a própria produção interna do Programa de Pós-Graduação de pertencimento, o que posteriormente poderia ser ampliado para o mapeamento de outras produções brasileiras.

Palavras-chave: Educação. Corpo. Epistemologias.

O presente artigo tem como objetivo abordar reflexões epistemológicas acerca de corpo e educação, delineando caminhos percorridos por uma tese de Doutorado que vem se construindo com o amparo da Linha de Pesquisa 1: Processos Civilizatórios - Educação, Memória e Pluralidade Cultural, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Ainda em processo de pesquisa-criação, esta *tese-espetáculo* tem a pretensão de visibilizar corpos em processos educativos diversos e toma como ponto de partida as produções acadêmicas do PPGEduc/UNEB. Com o foco nas produções oriundas do

Doutorado do PPGEduc/UNEB, uma simples busca pela palavra *corpo* foi realizada através do repositório, indicando a presença de apenas 1 tese. O dado quantitativo mostrou-se expressivo ao constatar a ausência de reflexões sobre corpo.

Um dos grandes paradigmas da Modernidade, de autoria do filósofo, físico e matemático René Descartes, pode ser resumido na sentença: "penso, logo existo". As implicações desta máxima cartesiana na construção da ciência e no reconhecimento de como se produz conhecimento até hoje, consolidaram dicotomias que valorizaram teoria, pensamento, ciência, mente, em desfavor de prática, sentimento, arte, corpo, e, seguem impregnadas na linguagem, em rígidos moldes de se fazer pesquisa, em diversos meios educacionais.

Esta proposta de pesquisa visa superlativizar corpo, arte e educação, construindo através da ciência possibilidades para se conceber práticas-teóricas, sentimentos-pensamentos, corpos-mente. Recompor a existência a partir do antigo molde, coloca corpo à frente, sem a necessidade de um verbo de ação. Corpo é ação, criação, inspiração. Sem o pensar, ou o sentir, ou uma série de trocadilhos já elucubrados, a consolidação da existência se dá a partir de uma percepção de corpo que possa ser entendido como referência na qual pensamento, sentidos, afetividade, política, educação e tantas outras complexidades já estão presentes. Em defesa de uma tese de encontros de uma totalidade que se sustenta sem necessidade do verbo, recria-se a o ditado cartesiano com a proposição de uma complexidade que se basta: “**corpo**, logo existo”.

O corpo é um tema particularmente propício a uma análise antropológica, já que pertence, por direito próprio, à variedade de identidades do homem. Sem o corpo, que lhe dá um rosto, o homem não existiria. Viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao corpo, através do simbólico que este encarna. A existência do homem é corporal. (LE BRETON, 2002, p.7, *tradução minha*).

Assumindo esta corpo-existência, há de se fazer o constante exercício de desconstrução de certas hierarquias que determinaram os caminhos da produção de conhecimento, onde se sobrepuseram questões de poder e dominação, muitas vezes disseminados através de práticas educativas, que subjugarão culturas, raça, gênero, religião, e transformaram maiorias em minorias. Assim, a escrita desta tese pretende encontrar artifícios de inclusão na linguagem. Deseja-se tratar da existência não apenas *do homem*, como também da mulher, dos múltiplos gêneros, da cor negra, das culturas indígenas e tantas outras pluralidades de identidade. Em busca de termos que possibilitem a representatividade das diversidades, concebe-se que a existência *da humanidade* é corporal.

Além disso, faz parte do arcabouço referencial desta tese a intenção de dar corpo e voz a autores de representatividades diversas, num consciente ato político de divulgação científica de cosmovisões ora desprivilegiadas, com atenção ao fato de que

a ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. Agora, no começo do século XXI, algumas colaborações entre pensadores com visões distintas originadas em diferentes culturas possibilitam uma crítica dessa ideia. Somos mesmo uma humanidade? (KRENAK, 2019, p.9).

Acredita-se no corpo como uma chave de transformação e educação extremamente poderosa, que foi reclusa, oprimida, dominada, controlada. Modelos antigos de educação são criticados, entretanto apesar dos cursos sobre novas tecnologias, metodologias híbridas, *blended*, inovadoras, da reestruturação de currículos e novas obrigatoriedades para dar conta da diversidade, ainda parece faltar certa consciência deste universo corporal como parte indissociável do processo educacional. Onde há educação, há corpo. Ou melhor, há **corpos!** E

a questão do corpo constitui um desafio no sentido de nos engajarmos no momento histórico em que vivemos, momento esse que apela a uma "política da vida", como diria Anthony Giddens (1992), em que o corpo é um terreno privilegiado das disputas em torno quer de novas identidades pessoais, quer da preservação de identidades históricas, da assunção de híbridos culturais ou das recontextualizações locais de tendências globais. (VALE DE ALMEIDA, 2004, p.54).

Constatando tais entrelaçamentos político-histórico-sócio-culturais, delineados por educação e corpos sempre atrelados, é preciso refletir sobre as implicações da pluralidade estampada na carne e percebida pelos olhos, que trazem para a memória aquilo que nos é ótico. A partir desta percepção comumente guiada pelo visual, repensar o que fomos - culturalmente - ensinados a compreender como ex-ótico (MARTINS, 2003). O exótico ganhou tantas formas associadas ao estranho, diferente, porque não dizer assustador ou indesejado, que o adjetivo pode ser aplicado até mesmo por pessoas que não utilizam o aparato visual como forma de perceber o mundo. Em muitos casos, o exótico é apenas a constatação de um outro, diferente de mim, o que geralmente está fortemente atrelado a um outro corpo, diferente de mim. Reforço a sutileza da finalização da última frase: um outro corpo, diferente de mim, e não diferente do meu (corpo), uma vez que esta relação de possuir um corpo, como um objeto meu ou minha propriedade, transforma essa relação ser-corpo numa espécie de produto de consumo, eliminando a possibilidade de nos reconhecemos como eu-corpo, compreendendo que em mim há corpo, em corpo há eu. Ainda assim, esta é a

linguagem mais compreensível, e, certos modos de dizer-escrever precisam ser utilizados para facilitar a socialização das ideias.

Após estas considerações, a metodologia de pesquisa não poderia ser algo sacralizado pelos métodos do racionalismo, apresentar um plano altamente definido e amparar-se em dispositivos testáveis pré-determinados, o que iria em desencontro às epistemologias que se deseja reconhecer. Destarte, o caminho é a Arte! Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica com pretensão de se amparar numa pesquisa-criação (PINZOH, 2012).

Embora “corpo” esteja no centro de muitas discussões no trabalho empírico que sustenta muitas teses e dissertações de Pós-graduações em Educação no Brasil, pouco ou quase nada se identifica nestes escritos que venha a definir ou reconhecer o “corpo” como “objeto” que merece ser discutido. Num levantamento prévio, no banco de teses, foi encontrada apenas uma única produção identificada com a palavra corpo no título. Apesar disso, nas teses encontramos, por exemplo, discussões centradas em questões étnico-raciais, prostituição, educação física, identidade, deficiência, memória, humanização, mas sem qualquer referência ao “corpo” como merecedor de observação e teorização. Por que o corpo é invisibilizado ou ocultado? A tese busca o revelar destes corpos, possivelmente atravessando todos os outros projetos da área: sobre educação de corpos com necessidades especiais, as mais diferentes representações sociais da educação, o corpo como tecnologia, o corpo adoecido, o corpo exaltado, etc.

Situar os estudos neste recorte do universo do banco de teses garante a identificação de grande pluralidade de corpos inviabilizados. O mapeamento destas teses – com potencial de constituir uma amostra de processos educativos diversos a serem audiovisualizados artisticamente – atende aos objetivos de identificar, mapear, produzir, criar e compor cenas educacionais onde corpo é destacado como grande protagonista.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. (2003) (p.94-112) In: BRYAN-WILSON, Julia e ARDUI, Olivia. **Histórias da dança**: vol.2 Antologia. São Paulo: MASP, 2020.

PINZOH, Josemar Martins. **Pesquisa-criação**: uma experiência com escrita docente autobiográfica. Salvador: EDUNEB, 2012.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. O corpo na teoria antropológica. **Revista de Comunicação e Linguagens**, n.33, 2004. p.49-66.